

Anisio Jobim

Manacapurim

Estimete 3
Eila

Manaus-1933

Comp.

886



catálogo

ANISIO JOBIM
DO INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTORICO DO AMAZONAS

MANACAPURU

Separata do volume II da
"Revista do Instituto Geo-
grafico e Historico do
Amazonas". o o o o o o o o



1933

AmM
0750

MANACAPURÚ

A CIDADE

A cidade de Manacapurú assenta-se na margem oriental do Rio Solimões sobre aprazível eminência. É constituída por dezoito ruas e cinco praças, sendo as casas na sua generalidade cobertas de telhas de barro, de telhas de zinco (cobertura muito usada no Amazonas) e algumas de palha.

Possue duas serrarias a vapor, vinte e dois estabelecimentos comerciais, inclusive duas padarias e um bilhar, duas barbearias e um gabinete dentário. Dos estabelecimentos comerciais, o mais importante é a Casa Ventura «Restauração». Dentre os edificios, sobressae a igreja por sua fachada simples e linda, erecta numa grande praça, e consagrada a N. S. da Conceição.

Dispõe a cidade de um bom mercado para as proporções do lugar e as necessidades da população; de uma agencia do correio; uma estação radiotelegrafica; uma coletoria estadual, uma dita para a arrecadação do imposto territorial, uma outra federal; um posto profilático; uma loja maçônica, funcionando em predio proprio, muito elegante; uma igreja pentecostal; uma igreja batista; uma sinagoga judaica e diversas sociedades recreativas.

Ha, na praça 16 de Julho, um imponente obelisco, construido para comemorar a data historica da instalação da cidade (11 de Agosto de 1932), de que adiante nos occuparemos. Um grande edificio destinado a um grupo escolar, que recebeu o nome de Carlos Pinho, empresta consideravel aspecto artistico á cidade. A idéa do levantamento do grupo escolar cabe de justiça ao dr. André Vidal de Araujo, integro juiz de direito da comarca, tendo sido solenemente inaugurado com a presença do sr. Interventor

Federal interino dr. Waldemar Pedrosa, Capitão de Fragata Armando Pinna, Capitão dos Portos, Agnelo Bittencourt, Director da Instrução Publica, autoridades federais, estaduais e grande massa de povo, no dia 4 de Março do corrente ano de 1933.

Entre os sitios que lhe ficam adjacentes, está Correnteza.

Em frente a esse sitio, o rio Solimões forma uma precipitada e quasi invencivel corredeira, difficil de transpor. Estas correntezas são, aliás, muito comuns ao longo do grande rio.

Aos fundos da cidade, fica o bairro Miriti, ondulante de palhais desta especie, muito habitado e pitoresco, á beira do lago, seu homonimo.

Passeando-se ao redor da urbs, vê-se aqui um campo artificial, isto é, feito a braço, denotando o esforço do homem em luta com a flora; ali o igapó (mato alagado), mais além a varzea risonha, de um verde macio, e nos altos dos chapadões a floresta caracteristica da terra firme dessas formações terciárias.

Defronte da enseada de Manacapurú, a corrente gigantesca do Solimões encontra uma ilha aluvionica de permeio (Ilha do Paraense), que divide o rio em dois vastos e profundos canais.

Abaixo do porto, existem pedras, caldeirões, que tornam a navegação perigosa para as embarcações que se aventuram a passar nas proximidades, já se tendo registrado vários casos de naufragios.

As aguas movimentadas do caudal em frente á aprazivel cidade, cavam abismos e estrondeiam nos rebôjos.

Os «gaiolas» antigamente assim chamados os vapores cuja forma se assemelhava um tanto com gaiolas de passaros, «tendo muita boca e pequeno pontal com suas toldas ocupadas em todo o comprimento por inúmeros camarotes e salões», passam, ora por um, ora por outro canal,

Grandes ilhas de canarana, mururés e outras plantas descem constantemente a vultosa corrente, aos tramboihões dos banzeiros, impelidas pela violencia das aguas. Muitas destas ilhas, de um verde intenso, são enormes. Outras vezes, paus que se despregam dos barrancos pela ação erosiva das aguas, rolam rio abaixo, aos boléos, de bubuia;

dando guarida ás garças, ás gaivotas, aos magoaris cinzentos e outras aves, que tranquilamente pousam nesses madeiros flutuantes, e povoam os soberbos periantans.

A localidade é bem provida de escolas. Somam vinte, distribuidas pela séde do municipio, lagos do Calado, Caa-piranga, Campinas, Costa do Marrecão, Costa da Boa Vista. Podia-se alargar esse numero se as condições financeiras do Estado o permitissem. Além dos cursos de musica e bordado, ha a salientar uma obra magnifica, filha do esforço generoso de André Araujo—o *Instituto Araújo Filho*. É um primoroso educandario, montado de acôrdo com as exigencias da Pedagogia moderna, tendo um jardim botanico; um museu enriquecido de coleções de passaros, cobras, ceramica, pedras, metais, ossos, areias, penas, plantas, insetos, pranchas de madeira, moedas, retratos de antigos donatarios de Capitancias, governadores gerais e homens notaveis; um laboratorio de Fisica e Quimica; um gabinete de Historia Natural; sala de iniciação e práticas geograficas; oficinas; observatorio de metereologia; apiario, etc.

O seu dedicado diretor, homem ilustrado e distinto membro da Academia Amazonense de Letras, onde foi substituir seu venerando pae, o dr. Francisco Pedro d'Araujo Filho, que dá nome ao collegio, é auxiliado nesse nobre mistér por sua digna esposa, d. Milburges Araujo.

O ensino é ministrado de acôrdo com a orientação filosofica de Wynechen e Lombardo Radice.

Das cidades e vilas do Solimões e alguns dos seus afluentes foi Manacapurú a que se desenvolveu mais tarde, não obstante a sua proximidade de Manaus, cincoenta e cinco milhas.

No roteiro de viagem, escrito em 1768 pelo padre dr. José Monteiro de Noronha, vigario geral que foi da antiga Capitania de São José do Rio Negro, lê-se que o rio Manacapurú desagua na margem setentrional do Solimões, e que é de agua preta, do qual se tinha extrahido muita salsaparrilha, oleo de copaiba, sinal de que naquele tempo esse rio era explorado pelos penetradores do sertão que andavam á cata de drogas.

Pouco abaixo do rio ficava a feitoria ou pesqueiro de tartarugas do Caldeirão para sustentação da tropa mi-

litar que guarnecia a vila capital de Barcelos, no Rio Negro.

Ao capitão-general e plenipotenciario João Pereira Caldas, em Barcellos, comunicou o administrador do pesqueiro Sebastião Pereira de Castro que, a 27 de Setembro de 1785, havia chegado ali um grosso numero do gentio Mura, trazendo por lingua um indio de nome Antonio, já ancião, aprizionado na povoação dos Abacaxis, declarando que queria se estabelecer nas vizinhanças daquelle pesqueiro.

O general respondeu a essa comunicação, alvitrando que o troço do gentio Mura fosse para a povoação do Amaná, e se elles não quizessem, escolhesse o administrador por aqueles arredores paragem mais conveniente, como Manacapurú.

E mandou os seguintes premios para os indios: doze machados, doze fouces, sessenta facas, um milheiro de anzóis brancos, dez duzias de bicos de flexas e dez duzias de sararacas.

Os Muras, que voltaram outras vezes ao Caldeirão, foram se situar em Manacapurú (15 de Fevereiro de 1786), ficando trez soldados em companhia dos aludidos indios. Eram ao todo duzentas e noventa almas, mandando-se-lhes fazer casas.

O general recomendava ao administrador do pesqueiro "o agasalho e a paciencia que é preciso haver com esta gente, para que se não desgoste e desconfie, voltando por esse motivo aos matos, e ao curso em que andava, e com que tanto dano causava aos vassallos de S. Magestade". (1)

A data, pois, acima referida, de 15 de Fevereiro de 1786, foi a da fundação da aldeia dos Muras, em Manacapurú, (Manacapuri, antigamente), onde está hoje a florescente cidade do mesmo nome.

Em 1806, no governo do capitão de mar e guerra José Joaquim Vitorio da Costa, ainda esse pesqueiro existia, empregando-se no serviço vários indios.

Por esse tempo, fazia-se no Tarumã (vizinhanças de

(1) Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico e Etnografico do Brasil, Tomo XXXVI, 1873.

Manaus, lado de cima) o celebre Horto Botanico, em que aquele governador empregou cerca de 800 homens. Com esse serviço, diz Lourenço de Araujo e Amazonas, os indios viram-se reduzidos á escravidão. Foram vistos indigenas trabalhando acorrentados como se fôsem condenados. Segundo o mesmo autor, o desaparecimento dos indigenas nessa epoca foi excessivo, por semelhante opressão (1).

Em 1854, era ainda Manacapurú uma aldeia dos citados indios Muras submetidos ao regimen de uma sociedade mais ou menos policiada, tendo seguramente 80 moradores, sob a direção de um encarregado, que tambem era inspetor de quartelão. Esse aldeamento compunha-se de uma duzia de casas de palha, edificadas sem ordem nem comodidade.

Mesmo assim, recebeu a visita por esse ano (11 de Março) do presidente da Provincia, o illustre conselheiro Herculano Ferreira Pena, quando de sua viagem á povoação do Nauta, na Republica do Perú.

«Aí, diz Wilkens de Matos, só existiam mulheres e grande numero de crianças; de homens, apenas o tuchaua e mais um indio; aquele disse-nos que os outros estavam no lago, empregados no serviço de alguns moradores.

A melhor construção desse aldeamento é uma casa, que os indios levantaram para servir de capela e residencia de um padre, pela presença do qual reclamam» (2).

O presidente distribuiu com a familia do tuchaua alguns objectos (pano e ferramenta), vindos de bordo.

Na sessão de 7 de Novembro de 1860 da Assembléa Legislativa Provincial, o deputado João da Cunha apresentou um projeto, criando no distrito de Manacapurú uma freguezia com a denominação de N. S. da Conceição de Manacapurú. A esse projeto o deputado Vicente Alves da Silva

(1) Dicionario Topografico, Histórico e Descritivo da Comarca do Alto Amazonas, pag. 264.

(2) Roteiro da viagem da cidade da Barra do Rio Negro, capital da Provincia do Amazonas, até a povoação do Nauta, na Republica do Perú, 1854. Este roteiro do coronel João Wilkens de Matos, é um dos mais minuciosos e instrutivos, que já se escreveram. Prima pela clareza e abundancia de informações, e é uma leitura agradável, dados o talento e a illustração do seu autor, que serviu muitos anos á administração publica do Amazonas.

apresentou uma emenda, mudando a denominação de N. S. da Conceição para N. S. de Nazareth, e para pertencer á nova freguezia o lago Manaquiri.

Tendo o presidente negado sanção, o deputado Vicente apresentou um projeto, pedindo por intermedio da presidencia á policia um mapa da população dos lagos Manacapurú e São Joaquim de Alvarães.

Na sessão de 5 de Outubro de 1864, o mesmo deputado submetia á consideração de seus pares um projeto de lei criando a freguezia sob a invocação de N. S. de Nazareth de Manacapurú.

Segundo o teor dessa proposição, a lei só teria vigor depois que os moradores fizessem á sua custa a igreja Matriz. Justificando, dizia: «E' de utilidade publica crear-se no distrito de Manacapurú, distante desta cidade 20 leguas, uma freguezia, chamar-se para aquele logar um paroco, afim de curar das almas dos fieis ali residentes».

Finalmente, a lei n. 148, de 12 de Agosto de 1865, elevou-o a freguezia.

Essa lei cogitava da construção de uma igreja matriz, porém só em 1881 foi votado um auxilio do governo para a edificação do templo.

O governo ficava autorizado a entregar a uma comissão, que nomeasse para dirigir as obras, a quantia de..... 5:000\$000, afim de auxiliar os moradores da freguezia na execução desse empreendimento.

Em 1894, pela lei n. 83, de 27 de Setembro, era elevada á categoria de vila com a denominação de Manacapurú, realizando-se a sua instalação a 16 de Junho do ano seguinte com a presença do governador do Estado, dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, cognominado «o Pensador».

Ficou assim constituido o municipio.

O titulo de cidade veio a receber pelo Áto n. 1.639, de 16 de Julho de 1932, (1) tendo sido inaugurada com toda solenidade no dia 11 de Agosto, com o comparecimento do Snr. Interventor Federal interino, dr. Waldemar Pedrosa, capitão Jonatas Correia, chefe do gabinete do Interventor, desembargador Gaspar Guimarães, presidente do Superior Tribunal de Justiça, dr. Leopoldo Péres, do Instituto da Or-

(1) Vae publicado em appendice o decreto.

dem dos Advogados, representantes da imprensa, da Maçonaria e outras pessoas gradas.

O decreto historico evoca o progresso de Manacapurú, o seu adiantamento material e moral, a indole de seu povo, ordeiro e trabalhador, e a sua aspiração em conseguir essa dignidade, tendo sido assinado na passagem da data do sacrificio do heroi Felipe dos Santos Freire.

Prestaram o seu concurso á realização desse anelo, por que muito se interessaram, os drs. Manoel Anisio Jobim, Procurador Geral do Estado, André Vidal de Araujo e Waldemar Pedrosa, que substituiu o Interventor, capitão-tenente Antonio Rogerio Coimbra.

A cerimonia inaugural teve grande concorrência. O povo de Manacapurú exultava. Cerca de mil crianças, devidamente uniformizadas, assistiram á instalação, depois do que foi entoado num grande côro o hino nacional. Para perpetuar esse magno acontecimento, construiu-se na espaçosa praça 16 de Julho um imponente obelisco, de cimento armado, tendo sete metros de altura e uma base de quatro metros quadrados, guardando o feitio de uma pjamide aguda egipcia.

Debaixo do monumento, a um metro de profundidade, estão enterrados importantes documentos da época, jornais, moedas, selos, Codigos, e a ata da fundação da cidade, bem como o decreto que lhe conferiu esse foral, tudo cuidadosamente acondicionado em recipientes hermeticamente fechados e resistentes á ação do tempo.

O dia da inauguração foi declarado feriado (Ato n.... 1686, de 9 de Agosto).

A criação do termo judiciario data de 27 de Setembro de 1894, providenciando a lei para que ficasse anexado ao 3.º distrito da capital com os seguintes limites: «Pela margem esquerda do Solimões, do furo do Arapapá (limite com a capital) ao furo do Cuia (limite com Codajás), e pela margem direita, do furo do Jutai (divisa com a capital) até a boca do Purús, abrangendo todo o territorio compreendido entre as duas margens do rio Purús, desde a sua foz até os limites do municipio de Canutama (lado de Codajás, Coari e Canutama).»

A lei de 1 de Junho de 1896 estabeleceu que o municipio de Manacapurú se estendia Purús acima até os limites com o municipio de Canutama, fixando as extremas

setentrionais deste ultimo municipio na boca do paraná Tataputua, à margem direita do rio Purús, e na linha determinada pela ponta de cima da ilha Guajaratuba, à margem esquerda do mesmo rio Purús, com a referida embocadura do paraná Tataputua .(1)

Em 1901, foi criada a comarca de que  cabeça a cidade de Manacapurú (2). Suprimida em 1921, ficou o termo anexo ao 3. distrito da capital. Tendo sido restabelecida no ano seguinte (lei n. 1.133, de 7 de Fevereiro de 1922), foram a ela anexados os termos de Codajás e Coari, este ultimo por ter sido extinta a respectiva comarca pela mesma lei. Novamente suprimida a comarca de Manacapurú, deveu seu restabelecimento  lei n. 1.223, de 4 de Janeiro de 1926, tendo sido reinstalada em 22 do referido mês.

A população da sde é avaliada em 1.200 habitantes e a do municipio em 15.000.

O municipio. Extensão. Salubridade. Enchente. Praga. Hidrografia. Lagos. O rio Manacapurú. O Purús. Algumas tribus indigenas. Rio Solimões.

O municipio ocupa uma área de 37.000 kms. quadrados, (3).

Exceto em alguns lagos e no alto rio Manacapurú, onde costumam atacar as febres paludosas, os ares são sdios. A cidade gosa de muita salubridade.

Fazendo um apanhado da longevidade no Amazonas, o dr. Hermenegildo de Campos, com relação a Manacapurú, cita: Manoel Joaquim Coelho, na Terra Preta, mais de 100

(1) Desembargador Gaspar Guimarães, «A Evolução Histórica da Divisão Judiciária e Administrativa do Estado do Amazonas», in Revista da Faculdade de Ciencias Jurídicas e Sociais de Manaus, ano 2, n. 2, 1923.

(2) Lei n. 354, de 10 de Setembro de 1901.

(3) O Interventor Federal baixou o Ato n. 270, de 14 de Fevereiro de 1931, anexando ao municipio de Manáus a faixa de terra compreendida pelo 3. distrito de Manacapurú. Constitui esta faixa de terra o distrito de Manaquiri, onde se acha o lago do mesmo nome e outros.

annos; José Francisco do Nascimento, 82; Ursula Maria do Carmo, 87; José Simões M. da Silva, 82; José Basílio da Costa, 80; Raimundinho, índio Mura, no Aiapuí, 90, que ainda pescava; José Martins, 85 anos, pescador; Carolina Maria da Conceição Vieira, 102 anos. Dos falecidos havia pouco tempo, aponta aquele medico, a velha Bibiana, do Auassú, com 110 anos, e José Antonio com 108 anos. (1)

A enchente do Solimões em Manacapurú denuncia-se em principio de Dezembro e se prolonga até fins de Junho, quando o rio tem atingido a sua plethora.

Na enchente grande fica inundada uma pequena parte da cidade, formando-se focos de mosquitos, e originando a aparição de casos de febre de carater palustre. Como em toda a margem do Solimões, Purús, Madeira e outros rios, existe em cópia o carapanã (mosquito grande), obrigando os moradores a dormirem sob mosquiteiros. Devido ao clima quente e ao habito dos amazonenses, para a dormida é preferida a rede.

A praga que infesta a cidade e o interior não é só de carapanã, e sim também dos incomodos piuns, que são uns mosquitos menores, cuja mordedura venenosa produz ás vezes chagas.

Acredita-se que esses insetos alimentam-se do leite de assacú (*Hura brasiliensis*), e por isso as suas mordeduras são irritantes e causam feridas. A esta fauna podem-se acrescentar as mutucas, os barbeiros e os mucuins.

A respeito destes ultimos, escrevia chistosamente Mme. Agassiz, ao deixar Teffé: "Demos o nosso adeus a uma certa categoria de habitantes que pouco têm permitido nosso repouso, e pululam nas hervas e nas folhas. Eles se agarram nas pernas e produzem uma comichão insuportavel e pequenas feridas dolorosas. Quando a pessoa volta de um passeio é preciso lavar com agua e alcool o corpo, se quer fazer desaparecer o calor e a irritação produzida por esses microscopicos insetos."

Esquadrinhando a sua hidrographia, vemos os seguintes lagos: á margem esquerda do Solimões, a começar dos

(1) "Climatologia Medica do Estado do Amazonas", 2.^a edição, 1910.

limites com Manáus — Arapapá, lago Preto, Sant'Ana, Parú, Calado, Miriti; á margem direita — Cururú, Jacaré, Mundurucú, Caviana, Popunha, Paratari, Beruri, Caua, Castanhomiri, Surara, Jari, Aiapuá. Formados pelo rio Manacapurú, ha os seguintes: Grande de Manacapurú e Curauá. Nas proximidades do paraná do Anamã, afluente do rio Manacapurú: Mari-Mari, Piranhas, Piratininga, Uruá, Castanho, Sacambú, Campinas, Caapiranga, Arara e Cuia, que serve de limite com Codajás.

Muitos desses lagos são populosos, e sofrivelmente agriculturados.

O municipio é banhado e fertilizado pelos rios Solimões, Purús e Manacapurú.

Este ultimo é de pequena grandeza. Vem desaguar pouco acima da cidade.

A côr de suas aguas, como já foi dito, é preta. Forma o lago grande de Manacapurú, que, juntamente com outros situados entre as margens dos rios Japurá, Solimões e Negro, capta grande quantidade de aguas das descargas pluviais e dos transbordamentos dos sulcos hidricos limitados por esta superficie linica.

Nas terras altas do lago ha muitas barracas. Para traz lindas castanheiras mostram os perfis altaneiros.

A concha lacustre é colossal, e encanta pela magnitude, embora seja pouco profunda. Dela para se retomar a "mãe do rio", em seguimento, tem que se navegar por entre um caótico rendado de ilhas, de canais, coalhados de uma vegetação lacustre e enfezada. Desenha-se um vasto aranhol de furos pelo meio do mato, á semelhança de um grande igapó. A sua travessia causa aborrecimento e um invencível tédio.

Os naturais chamam a esta parte chavascal.

Fóra daí, possui terras de superior qualidade para a agricultura, e é rico de seringais, castanhais, oleos, madeiras, etc.

Purús — E' este um dos maiores e mais empolgantes rios do Amazonas, pela sua extensão, largura, aspectos e variados cenários, selva fulgurante e interesse historico, que apresenta.

As explorações regulares do Purús, isto é, feitas com

este objectivo, datam de antes de 1850. Até então era o Purús percorrido numa extensão de 180 a 200 leguas acima de sua fóz pelos coletores de drogas.

Sendo muito rico de salsa-parrilha, cacau, peixe, azeite de peixe, manteiga de ovos de tartaruga, Manoel Joaquim do Paço, o ultimo governador do Rio Negro, proibiu o seu ingresso, porém a junta governativa do Pará suspendeu tal proibição avara, em virtude de representação dos habitantes.

Segundo Bertino Miranda, esse governador foi acusado de negociar em larga escala, e era apontado como o monopolista das drogas e dos frutos do Purús. (1)

A primeira exploração realizada no Purús foi dirigida por João Cametá, que chegou apenas até a fóz do rio Ituxi, percorrendo cerca de 700 milhas inglesas.

A segunda foi efetuada em 1852 pelo pernambucano Serafim Salgado, que percorreu 1.300 milhas, tendo escrito um relatorio, em que apresenta os nomes e o tamanho aparente de alguns tributarios, bancos de areia, e fala da não existencia de cachoeiras no Purús. Esse relatorio vem referto de nomes indigenas.

As duas expedições, sendo a segunda bem aparelhada de provisões e de homens, não deram resultado util, tendo servido apenas para scandalizar os indios.

A terceira expedição coube ao mulato Manuel Urbano da Encarnação, que partiu em 1860 com o proposito de descobrir o canal, que, segundo se dizia, comunicava o Purús com o Madeira.

Manoel Urbano, apesar das poucas letras que possuia, era homem de grande inteligencia. Dá atestado de sua penetração e agudeza de espirito o naturalista W. Chandless, que refere haver Manoel Urbano observado pegadas fosseis nos rochedos das margens do Amazonas, em Manacapurú, onde morava, e verificado por si mesmo que os rochedos eram depositados pela agua em estado mole.

Chandless confessa que obteve de Manoel Urbano grande copia de informações, especialmente sobre os indios, dizendo que a êle se deve tudo quanto se sabia a respeito dos tributarios do Purús, com excepção dos tres primeiros.

(1) "A Cidade de Manaus", pagina 19.

Esse intrepido e sagaz explorador, não obstante o rio achar-se muito sêco, sendo obrigado a parar em cada contribuinte a falta d'água, conseguiu subir pelo Aquiri, por espaço de 20 dias, e pelo Purús, na distancia de 1600 milhas. Nas margens do Aquiri (Acre) acharam-se dois esqueletos de grandes dimensões, dos quaes trouxe Manoel Urbano duas vertebrae, uma costela e dois dentes. A costela teve de ser lançada ao rio, porque a canôa não acomodava tão grande volume.

O relatorio da viagem, escrito pelo dr. João Martins da Silva Coutinho, atesta o valor de suas explorações, o tino, o zelo, com que se houve nessa jornada, que despertou da parte do governo novas empresas.

Lamenta Chandless que ficasse omitido no relatorio o fato importante de estar Manoel Urbano perto do rio Ucaiali, ao passo que se menciona a declaração extraordinaria que os indios lhe fizeram, de sua aproximação da cidade boliviana de Saraiaco, como êle supunha, sobre o rio Purús.

Outra exploração foi levada a efeito em 1862, apparelhando-se para isto um vapor que subiu o rio com grande lentidão, chegando até as barreiras de Huitanaan, gastando na viagem 49 dias.

A comissão de que era chefe o dr. João Martins da Silva Coutinho, em officio dirigido ao presidente da Provincia, disse que o Purús era mais importante que o Madeira, e que além de não ter cachoeiras, prestava-se perfeitamente á navegação de barcos, que demandassem de 10 a 12 palmos de calado, em grande parte do ano, na extensão de 400 leguas.

Fizeram parte dessa expedição Manoel Urbano, H. Strauss e o naturalista e desenhista G. Wallis, que ficou em Huitanaan, o qual proseguiu a excursão só, em uma canôa, tendo-se alagado pouco adiante e perdido as provisões. Mesmo assim continuou. Wallis produziu admiraveis desenhos de peixes do rio Purús.

A viagem do naturalista inglês Chandless ao rio Purús foi empreendida de Junho de 1864 a Fevereiro de 1865. Do resultado dos seus trabalhos fez uma exposição perante a Sociedade de Geografia de Londres, em 26 de Fevereiro de 1868.

Esse notavel explorador, dosado de um preparo científico profundo, remontou muito alto o Purús, percorrendo 1620 milhas geograficas da fôz, e atingindo quasi aos 11° Lat. S. A sua exploração trouxe em resultado um conhecimento mais completo do famoso rio.

Na sua peregrinação Chandless faz observações astromomicas, estuda a estrutura das terras, descreve o rio na sucessão de suas curvas, dando as razões dessa tortuosidade exasperante, pinta a floresta; recorda os panoramas das praias, enumera afluentes das duas margens, marca as distancias e a altitude, recolhe costumes, esboça o caracter do povo barbaro que lhe habita as terras, focaliza as tribus que se espalham pelos diferentes pontos, rio acima. O austero geografo não conseguiu atingir as cabeceiras do Purús, subindo, no paralelo de 10° 5' S. por um dos dois braços, quasi iguais, em que se divide o celebre afluente do Solimões, o qual nesta altura, não obstante a sua largura, é muito raso. Depois de alcançar regular distancia no braço direito, voltou e subiu o braço esquerdo ou do norte, tendo de esbarrar, depois de dias de viagem, ante uma pequena cachoeira, cuja subida fôra impossivel. «Em vista, diz Chandless, da exiguidade de ambos os braços nos pontos mais distantes, a que cheguei, e da sua rapida diminuição é clarissimo que êles não podem vir de muito grande distancia: em minha opinião, pouco ao sul de 11° de latitude, e não de certo da Cordilheira» (1).

«Quando este engenheiro europeu, escreve o grande Rui Barbosa, augurava ainda um termo de seculos, primeiro que as margens do Purús tivessem habitantes civilizados, já o vapor lhe rompia as aguas. Data de 1862 a primeira expedição, que ali se utilizou de um barco dessa natureza. Não eram passados mais de sete anos, quando uma empresa brasileira, a Companhia Fluvial do Alto Amazonas, estrejava a navegação dos tributarios do Amazonas na região superior, o rio Solimões, o Negro, o Juruá, o Purús e seus

(1) «Notas sobre o rio Purús», conferencia realizada em Londres, 1868.

afluentes. Era uma flotilha de quinze vapores, com o seu centro em Manaus, a que servia a esse proposito, levando as suas viagens até aos primeiros arraiais dos seringueiros». (1)

Por ordem do Barão do Rio Branco, o «Deus terminus das nossas fronteiras», seguiu, juntamente com os delegados bolivianos, na missão de descobrir as fontes do Purús, o engenheiro Euclides da Cunha. «Nada mais proprio do alvo, acentúa Alberto Rangel, e mortificações com que costumava sonhar a sua alma, entrar pelo sertão a dentro a cravar os olhos no céu, medindo os ambitos escancarados do céu e do sertão.

“Quasi só e esfomeado para se antecipar aos estrangeiros, que sorriam vendo o explorador mal aparelhado á marcha difficil nas vizinhanças da nascente que se tratava de descobrir, êle encharca os pés no derradeiro fio d’agua nascidico. O grande rio espichava-se nessas alturas num ribeiro parco e triste. Negava a flutuação ás canôas mais rasas. Ia-se tornando a vala de um charco, a quelha de um vertedouro. Por êle rompe antes de todos o chefe brasileiro. Mingua o arroio cada vez mais, embainhado na mata funeraria e versuda. A curiosidade do engenheiro redobra. Dá-lhe febre a gloria de ser o primeiro civilizado na origem da grande torrente amazonense. Avança ainda mais, até que o regato se rechupa no tapête de folhas e raizes humidas.

Nas sombras espessas atinge o Poeta e matematico a pupila da linfa, cujas lagrimas escassas irroram por trez vertentes.” (2)

Verifica-se nessa viagem um incidente, que o nosso iluminado Euclides, com o fulgor de seu genio e emotividade intensa de sua alma, reveste do mais alto patriotismo e eloquencia.

Alberto Rangel o descreve, com as colgaduras de seu estilo de ouro, da seguinte maneira:

“No banquete oferecido pelos Bolivianos notava-se a

(1) «O direito do Amazonas ao Acre Setentrional», Vol. 2.º, pags. 48-49.

(2) “Rumos e Perspectivas”, pg. 92.

ausencia do estandarte brasileiro, esquecido, provavelmente, no fornecimento de La Paz á bagagem de seus representantes. Entre os ornatos da sala cruzavam-se na coloração natural e felizmente emblematica os festões verde-amarelos de palmeiras. Euclides da Cunha, inflamado pelo desquite, empunha a taça, e, rum golpe rijo de inspiração e de ironia, agradece aos Bolivianos terem-se lembrado de, na falta ocasional da bandeira de sua patria, pedir á floresta para represental-a, arrancando á selva pedaços do vegetal rijo e espadanado que era o simbolo mesmo da retidão e da altura". (1)

O Purús entra no Solimões por varios canais. Os geógrafos antigos assinalam nada menos de quatro bocas; porém a sua verdadeira fóz é aos 3.º 45' de latitude Sul e 316.º 30' de longitude, 45 leguas acima do Rio Negro, correndo de O. para L.

O seu nome, segundo as tradições mais antigas, vem de purú-purú, que quer dizer pintado. Por este nome eram chamados os indigenas da nação Paumari, habitantes desse rio, por serem eles pintados ou manchados de branco.

Na opinião do dr. Paulo Ehrenreich "os Paumaris e os Jamamadis são verdadeiras tribus da nação dos Nús, a julgar pelo dialecto, ainda que muito diferentes nos costumes.

"Os primeiros como verdadeiros homens amfibios e ictiofagos, vivem só a beira do rio ou nas jangadas das lagoas, e passam quasi a vida inteira em suas canôas. Despertaram de ha muitos anos a atenção dos viajantes pela côr de sua pele salpicada de manchas pretas e brancas, metaforicamente falando, "pampa"; esta afecção cutanea, obscura em sua origem, repete-se contudo entre muitas outras tribus das regiões do Alto Amazonas".

Passando a tratar dos Jamamadis, o illustre etnografo diz que eles são verdadeiros homens do mato, sem navegação, entretanto bons lavradores, evitam o contacto com os brancos, vivendo nas suas florestas, que raramente deixam. "Eles trazem o cunho de povo primitivo ainda não vi-

(1) Alberto Rangel, ob. cit., pg. 93.

ciado, e recebem o viajante com a mesma hospitalidade e confiança das tribus do rio Xingú”.

Quanto aos Ipurinás, têm uma lingua muito parecida com os idiomas dos Nús sententrionaes, com o Aroak e o Giagi-ro.

A palavra purú-purú transformou-se em Purús.

Os Paumaris chamavam ao Purús Vaini e os Canamaris o apelidavam de Pacaiá.

O nascedouro do Purús, diz Ruy Barbosa, jaz para o ocidente na base dos Andes peruvianos.” (1)

Costumam os hidrografos dividil-o em trez seções, a do baixo, a do medio e a do alto Purús, assim discriminadas: o baixo estende-se da fóz até o rio Tapanha, compreendendo 595 milhas; o medio, deste rio ao Mamoriá-Grande numa distancia de 385 milhas, e o alto, que vae da foz do Mamoriá-Pequeno até as nascentes, mil e tantas milhas.

Segundo o coronel Labre, um dos mais audazes exploradores desse grande caudal, o Purús, de inverno, na sua maior enchente, sobe a transbordar, cobrindo uma zona de nunca menos de 12 a 15 milhas, nivelando-se com as aguas de seus inumeros lagos, que excedem de cinco mil.

Corre por uma superficie de pouca declividade por entre florestas magestosas. Segundo ainda o coronel Labre, que fundou em sua margem um pequeno nucleo de povoadores, ou uma feitoria, transformada hoje na elegante cidade de Labrea, as terras baixas, sujeitas ás inundações, são misturadas e de côr parda com grandes camadas de estrumes vegetais, e tendo no fundo das baixas e lagos grande quantidade de argila. As terras altas são de barro vermelho granitado, terrenos muí porosos; e nos logares povoados de palmeiras são pardacentas na superficie, misturadas ligeiramente de areia e boas camadas vegetais, sendo o fundo de barro vermelho.

Estudando a formação geognostica do Purús, W. Chandlees a classifica como pertencente ao periodo terciario.

Conforme se lê no relatorio do coronel Labre, a extensão do igapó, no baixo Purús, mostra a enorme mudança do canal do rio em tempos recentes. A varzea mal resiste á

(1) Obra cit., Vol. II, pg. 45.

força da correnteza nas enseadas. Além disto, as águas superficiais da varzea alagada penetram, no tempo da vasante, até as camadas de barro pouco permeáveis, e sobre estas passam para o alveo, desprendendo e fazendo escorregar grandes massas de terreno com a vegetação em pé. "Assim, descreve aquele observador, o rio vai levando sempre a varzea, e aumentando as praias até chegarem a altura própria para a vegetação, e se converterem então em igapó, com o que aumenta também a tortuosidade e comprimento do canal".

Vencida a extensão de 1.430 milhas da foz para cima, o Purús adquire uma grande correnteza, motivada pela diferença do nível, ou inclinação de terreno. Daí a rápida oscilação do rio quando caem fortes aguaceiros. Começa a encher com uma rapidez assombrosa, e com a mesma rapidez volta, decorridas vinte e quatro horas, ao seu leito primitivo.

Os seus afluentes mais notáveis são, na margem direita: Paraná-pixuna, Jacaré, Mucum, Mari, Pacia, Ituxi, Sepatinim, Aicuinan, Serui, Seruini, Aquiri ou Acre, Hiacu, Aracá, Iapaba, Urbano (1), Patos; na margem esquerda: Tapauá, Mamoriá-Grande, Mamoriá-Pequeno, Pauini, Inauini, Tarauacá, Richala, Coriná e Corimaau.

Ocuparam-se do Purús, entre outros, Bates, Orton, Brown-Lids-tons, Paulo Ehrenreich e ultimamente Euclides da Cunha, que escreveu páginas fulgurantes sobre a notável corrente amazônica.

As matas do Purús foram estudadas por J. Huber.

O Museu Goeldi mandou a esse rio, nos anos de 1903-1904, duas expedições, a estudos ornitológicos. A dra. E. Snethiage escreveu na revista daquele Instituto, um longo artigo sobre as aquisições feitas. (2)

Solimões—O rio Amazonas, que está dividido em três seções, recebe este nome da costa do Atlântico á embocadura do Rio Negro, e o de Solimões desse ponto á confluência do Javari.

Além fronteira tem a denominação de Marañon. Vai buscar suas origens remotas na região andina de La Raya,

(1) Assim batizado por Chandless em homenagem a Manoel Urbano.

(2) «Boletim do Museu Goeldi» N. 1, Fevereiro, 1908, Vol. V

no lugar chamado "Telhado do Mundo", no Perú. É o Vilcanota o sulco potamico a que se prende nos seus confins o caudal gigantesco do Amazonas.

A sua enormíssima extensão, a sua calha profunda, a sua largura por vezes colossal, o seu volume d'agua poderosissimo dão a esta corrente uma supremacia legitima sobre os outros rios existentes na superficie do globo. Se alguns e raros lhe excedem em comprimento, nenhum se lhe avanta na magnitude, na grandeza de sua massa liquida.

O rio Amazonas tem logares em que se alarga tanto que bem lhe assenta a comparação com um mar interior, aliás historicamente já feita por Vicente Yanez Pinzon, — «Mar-dulce».

Outras paragens, porém, são pouco largas ou mais estreitas, como por exemplo defronte de Obidos, em que o rio se constringe por uma passagem de 1998 metros.

A sua profundura varia, apresentando logares de 40, 60 e 80 metros, sendo em geral o rio muito fundo mesmo proximo ás margens, por onde navegam os vapores, a raspam as folhas e os ramos das arvores.

Em quasi todo o seu longo percurso de mais de 6.300 quilometros é navegavel; em territorio brasileiro a navegação é franca para os grandes navios, ainda que o rio esteja sêco por efeito de estiagem.

De fato, o Amazonas e seu prolongamento Solimões baixam muito de nivel por ocasião da sêca; a corda d'agua as vezes fica «no casco», mostrando as suas restingas, as suas praias extensas, os taludes altos, o despenhadeiro das suas barreiras. Mas o volume d'agua é sempre sufficiente para se não interromper a navegação. E isto por um mecanismo singular disposto pela natureza, por seu admiravel sistema fluvial, que faz que, quando os afluentes da direita esvasiam, os da esquerda encham, e vice-versa, quando engrossam as aguas os tributarios da direita, os da esquerda têm a sua calibragem diminuida, em vista de se acharem as suas cabeceiras em latitudes diversas, e ainda devido á marcha das chuvas e ao derretimento dos gelos nas altas e enevoadas serranias dos Andes.

A enchente do rio Amazonas nem sempre é grande. Ha as enchentes regulares, ordinarias, em que o rio mal em-

beiza com os barrancos dos varjões, e as enchentes extraordinárias, as alagações terríveis, em que a avalanche da água galga uma altura de mais de 12 metros. É um verdadeiro dilúvio. As povoações e cidades do litoral, se não estão a cavaleiro dos transbordamentos, em posições elevadas, sofrem horrivelmente os efeitos de tão assombroso espetáculo que infunde uma sensação de maravilhoso e ao mesmo tempo uma angústia infinita.

Os habitantes das margens ficam ilhados, e inúmeras barracas só são divulgadas pelo tecto de folhas de zinco ou pelos velhos panos de palha de ubim ou de caranã.

Navega-se por cima dos terrenos inundados, pelos furos. Os igarapés são rios, alongam-se e desbordam e espraíam-se pelos igapós, os lagos crescem desmedidamente. O rio tem uma aparência aterradora, desdobrando a massa brutal das suas águas ululantes, fervendo em rebojos, afinilando-se em redemoinhos perigosos, movimentando-se em pesadas ondas, estendendo-se em remansos e formando contra-correntes.

As ilhas amparam muito o choque das águas e ao mesmo tempo concorrem para que os temporais não sejam mais perigosos do que são, opondo certa resistência às correntes aéreas. Todavia, uma tempestade no Amazonas, um temporal, como costumam chamar, traz prejuízos enormes. O rio torna-se violentíssimo, as ondas encrespam-se horrivelmente, as águas ficam muito cavadas e os precipícios abrem-se à frente do navegador. As lanchas e canoas correm sério perigo. De rio cheio há facilidade de encontrar refúgios, nos igapós, nas bocas de igarapé, nas entradas de lagos. Com o rio seco e as barrancas alcantiladas, não há onde recolher facilmente até que o tempo amaine e a borrasca passe.

Contudo, o caboclo mostra um destemor digno de admiração. A sua afouteza vence a prudência, e eil-o a lutar com os banzeiros ameaçadores e terríveis na sua montaria, que não se recomenda pelo porte e segurança.

Os naufrágios se repetem, as mortes se sucedem.

Grandes árvores frondosas desabam; a floresta verga ao agitar do pampeiro, que vergasta as águas espumantes, zebradas de flocos brancos numa agitação tremenda. As

roças ficam esfoliadas, se não têm uma linha de arvoredor a protegê-las. O vento arranca coberturas de casas, atirando-as longe. Passada a tormenta, o vasto caudal adquire a sua fisionomia calma, estendendo-se magestoso.

O Solimões é o esplendor, é a alegria, a fartura. A pleitora de vida palpita, vibra, estúia, neste organismo ciclopico, que arredonda as terras, alteia as varzeas, levanta os tijucais, alimenta a selva, crea as fontes, nutre uma fauna prodigiosa.

Recebe o concurso de enormes afluentes, cada qual maior na sua expansão hidrica, mais interessante na sua fisiografia, mais sugestivo no lençol dagua. Os barrancos espelham a desordem dos tumultos das terras caídas, das arvores que se desenraizam e tombam no sorvedouro.

Paraná e furos. Os lagos Jari, Aiapuá e Grande de Manacapurú. Produção. Exportação. Riquezas vegetais. Agricultura, Industria e Criatorio. Conselho do naturalista J. Huber.

A enumeração feita dos rios e lagos não dá a feição do sistema hidrografico do municipio completa. Ha a considerar ainda uma quantidade extraordinaria de canais, conhecidos sob a expressão regional de paranás-mirins, paranás, furos e igarapés, facilitando as comunicações.

Vários dos lagos de Manacapurú são muito grandes. O lago Aiapuá, por exemplo, tem mais de trinta milhas de circunferencia; o Jari é outro competidor na larga bacia; o grande de Manacapurú é admiravel no tamanho.

Tratando do Purús, diz o coronel Antonio Bittencourt, saudoso e erudito conhecedor da historia do Amazonas, que os primeiros civilizados que se localizaram nessa grande arteria foram Manoel Urbano, que se estabeleceu em Canutama, e o capitão Manoel Nicolau de Melo, que se retirou do Rio Negro e se foi colocar no lago Aiapuá, onde se encontram as propriedades dos seus herdeiros. Esta extensa concha lacustre apresenta hoje um aspecto magnifico, tais as construções e as culturas que aí se vêm, e fazem dele um centro de atividade progressista.

O municipio exporta uma quantidade de produtos, que

consubstanciam o eixo de sua economia. Dos produtos, objeto de seu comercio, destacam-se: borracha, balata, breu, castanha, couros, cacau, feijão, farinha, milho, madeira, mel de abelhas, mel de cana, pirarucú, oleos diversos, rapaduras, salsa, urucú, mobílias de cipó etc.

A balata (inferior) encontra-se principalmente nos lagos Arapapá, Carauá, Castanho e Arara. A castanha, fruto da *Bertholetia excelsa*, é encontrada em maior quantidade nos lagos Aiapuá, Grande de Manacapurú, Caraná, Castanho, Caapiranga, Arara, Cururú, Jacaré, Mundurucú, Cavianna, Beruri, Castanho-miri, Surara. Os seringais são de ótima qualidade, e se distribuem por quasi toda a zona dessa circunscrição politica do Amazonas.

A produção do pirarucú seco atinge a um indice elevado. Em 1926, o municipio exportou 231.148 quilos; em 1928, houve um decrescimo para 125.300. Em 1926, a borracha exportada foi: borracha fina 108.523; sernambi,..... 19.884; em 1928, borracha fina 55.392; sernambi, 8.103; a balata, em 1926, deu 38.397 quilos; no ano de 1928, a estatística revela a cifra de 10.035. A exportação da castanha, em 1926, chegou a 15.540 hectolitros, em 1928, desceu para 11.000

A receita do municipio, arrecadada em cinco anos, de 1922 a 1926, dá o seguinte gráfico:

1922.....	36:387\$776
1923.....	42:695\$710
1924.....	88:917\$988
1925.....	63:052\$862
1926.....	49:828\$761

Para o exercicio de 1932, a receita foi orçada em...., 52:490\$000.

Entre as suas produções vegetais espontaneas, convem salientar a fabulosa riqueza de suas madeiras, apropriadas a fins diversos.

Muitas essencias são de uso comum na medicina. A população emprega as folhas, cascas, oleos, raizes daquelas cujas virtudes terapeuticas são conhecidas. A salsa, o

puchuri, o cumarú, o tamaquaré, o abutua, a baunilha, o batatão, o cipó-pocá, o corimbó, o amapá, o anani, o apeí, a caferana, o jambú, o guapui, a copaiba, a andiroba e muitos outros vegetais são aproveitados para a cura de diversas molestias, delas se socorrendo o povo, principalmente pobre, e habitante dos pontos mais centrais.

Os oleos de mais vulgarização são de copaiba, e de andiroba. Este ultimo é extraído de amendoas triangulares encerradas em um ouriço, produzido pela arvore Andiroba (*Carapa guyanensis*), que se encontra em grande porção nas matas do Amazonas e Pará. O oleo é fixo, extremamente amargo e de coloração amarella, quando é bem purificado. Mas não só o azeite é largamente aproveitado, senão tambem o seu lenho por ser madeira muito fina e de uma linda côr para moveis de luxo.

As marcenarias de Manáus empregam a andiroba vermelha na confecção de mobílias luxuosas. Devido á presença de um principio amargo no tecido lenhoso, está preservada da ação malefica do cupim e outros insetos.

Muito boas fibras fornecem as florestas do municipio, das quais se preparam vários objetos de utilidade domestica, tais como tupés, paneiros, japás, urupemas, abanos, cêstos, chapéus, tipitís, linhas de pesca, estopa.

Vegetais fibrosos acham-se entre as Palmaceas, Bromeliaceas, Urticaceas, Malvaceas, Lecythidias, Trepadeiras, Aroideas, Amoneas.

Não só para os fins indicados sinão tambem para enchimento de moveis estofados, colchões e cordas, fornecem diversas arvores substancias filamentosas, que igualmente se poderiam aplicar para o fabrico do papel.

“O Amazonas só, diz o conego Francisco Bernardino de Sousa, poderia fornecer papel ao mundo inteiro, porque não existem nêle outras arvores, que mais do que estas (umbauá, uma das especies do genero *Cecropia*) cresçam naturalmente em tão grande quantidade.” (1)

Em Manacapuru fabricam-se canôas e batelões. A serraria que domina o porto da cidade é bem aparelhada de maquinas.

(1) “Comissão do Madeira. Pará e Amazonas”, Segunda Parte, pag. 30.

Existem duas carretas para concertos de embarcações. O plantio da cana de assucar, do feijão, do milho, do arroz, vai-se incrementando lentamente. O da cana tem-se desenvolvido pela industria do mel, da rapadura, do assucar, da cachaça.

A plantação do café e do algodão não entra nas cogitações dos pequenos agricultores. Os braços são atraídos para a industria extrativa da borracha, da castanha. No entanto, segundo lembra o conego André Fernandes de Sousa, as sementes de cacáu, café e algodão, eram maiores e melhores no Solimões do que as dos outros distritos. "Nos Caldeirões (sitio abaixo de Manacapurú) dizia êle, estão os cafezais que têm sido a pedra de escandalo para se despovoar de indios e indias o lugar de Alvelos, com o nome de mudas para o serviço, que jamais voltam á povoação". (1)

Dando conta de suas impressões do rio Amazonas, La Condamine insere em seu livro *Viaje a la America Meridional*, pag, 100, um pequeno capitulo com o titulo "*Pesca a discrição*". (2)

"Parece, diz o escritor antigo, que a natureza quiz favorecer a preguiça dos indios, indo de encontro aos seus desejos. Os lagos e os pantanos que se encontram a cada passo nas margens do Amazonas e no interior de suas terras se enchem de peixes de todas as qualidades na época da enchente dos rios, e ao decrescer das aguas ficam presos como em estanques, ou depositos naturais, onde são pescados com a maior facilidade". Assim é, realmente. Manacapurú não sofre falta de peixe nos seus lagos, rios e paranás. Ha o pescado em abundancia. O tambaqui, o peixe-boi, o pirarucú prestam-se, quando seccos, á exportação.

O peixe-boi (*Manatus*) é exportado sob á forma de mixira, de grande consumo no Amazonas, extraindo-se-lhe tambem o oleo ou banha, aplicada, como a manteiga de tataruga, aos usos culinarios. Um «*Manatus*» representa um

(1) "Noticias Geograficas da Capitania do Rio Negro", in "Revista Trimensal de Hist. e Geogr.", 4.º trimestre de 1848, pag. 433.

(2) Versão castelhana por Frederico Ruiz Morcuende.

farto mantimento; devido ao tamanho e ao peso. Ha destes cetaceos muito gordos, possuindo bastante toucinho, e por isso são chamados peixes-boi de azeite.

"Mas de uma vez, escreve o dr. Emilio Goeldi, tem-se tentado levar o *Manatus* vivo para a Europa. Por causa de um «*Manatus americanus*», que tinha só 17 mezes, e ainda mamava quando pegaram-no no rio Maroni, nos limites entre Caiena e Surinan, e era destinado ao jardim zoologico de Londres, teve-se, ha alguns anos, de levar a bordo do vapor uma vaca leiteira especial. O animal fez bem a viagem, mas aproximando-se das costas britannicas, sucumbiu ao frio, por não se terem lembrado de aquecer devidamente a agua". (1)

O pirarucú principalmente tem grande saída, transformado em mantas, salgadas e secas ao sol.

O coneço André Fernandes recolheu esta nota interessante sobre os habitos desse grande peixe. "Em se achando fecundado dos ovos, em rio vazio, se deixa ficar nos lagos, e ahi os depõe em numero de milhares, em escavações por elle feitas: picados elles os nutre de leite que tem na cabeça em certas concavidades cobertas de pele, até certo tempo de crescimento; e depois nutre-se de camarões que ha nos lagos, em companhia da mãe. Sucedendo ao pescador errar o peixe, ou sacando do arpão, ajunta os pequenos filhos, mete-os nas guelras e foge, sem que appareça mais filhos, nem mãe."

Os lagos mais procurados para a pesca do pirarucú são: o Lago Grande de Manacapuru, Mari-Mari, Sacambú, Campinas, Popunha, Santo Tomé, Cáua e Aiapuá, devido ao seu apparecimento em maior escala nesses reservatorios naturais.

A pesca do pirarucú, quando feita em grande escala, tem o nome de feitoria. As feitorias arrancaram a José Verissimo paginas de beleza invulgar.

Digna de nota é a fauna. Dos individuos que a compõem, salienta-se o tapir ou anta.

Os indigenas do Amazonas, pelo menos na sua grande

(1) "Os Mamiferos do Brasil", 1893, pags. 120-121.

maioria, usavam por escudos o couro de anta e o peito do jacaré, para se reguardarem das taquaras e curabis.

Si ha municipio amazonense, onde a criação do gado vacum e lanigero vae fazendo progresso, é o de Manacapurú um deles, sem falar nos campos gerais do Rio Branco. Aliás, no seu territorio não ha campos naturais, o que dificulta o desenvolvimento da criação.

Mas, não obstante esta falta, o gado tem aumentado consideravelmente nas pequenas fazendas, abrindo hiatos na verdura dos varzeais e na densidão impérvia das matas da terra firme.

Assim, á margem do imponente Solimões, nas barrancas do rio Manacapurú, sobre as ribanceiras dos lagos, derama-se o gado.

O criador prepara o campo, aproveitando os pastos regionais, e os rebanhos gordos e fortalecidos são uma recompensa ao duro trabalho despendido nessa industria magnifica.

Conquanto não se trate de uma verdadeira devastação, cumpre registrar os estragos produzidos nas matas pelas constantes queimas para a plantação de cereais e cortes de arvores para lenha, com que se suprem nos portos os vapores e lanchas, e para outros mistéres. As capoeiras continuam em abêrto, enquanto se fazem derrubadas para o centro, em que são sacrificadas especies arborescentes importantes.

J. Huber já aconselhava a plantação de florestas neste paiz de florestas, mas, dizia êle, florestas de essencias determinadas, capazes de dar em espaço reduzido o que atualmente precisamos procurar em extensões enormes de terreno. E, depois de varias considerações, recomendava a plantação de seringueiras e de certas outras madeiras, que, além de muito empregadas, são de uma cultura facil e de um crescimento rápido, como as seguintes: o cedro, a marupaúba, a massaranduba, o piquiá, a ucuúba, a andiroba, o acapú, o pau amarelo, o pau santo, diversos, louros, itaúba, jarana, etc.

Eis em traços rapidos os aspectos principais desse fecundo e futuroso municipio do Amazonas.



N.º 1.639

O doutor Waldemar Pedrosa, Secretario Geral do Estado, em exercicio da Interventoria Federal.

Considerando que a actual vila de Manacapurú, distante desta capital cincoenta e cinco milhas, foi elevada a vila pela Lei n. 85, de 27 de Setembro de 1894, tendo sido instalada solenemente em 16 de Junho de 1895;

Considerando que a sua graduação em vila obedeceu a uma legitima aspiração de seu povo trabalhador, devido ao desenvolvimento comercial, agrícola e industrial, que tem tido;

Considerando que, de 1895 para cá, ha experimentado grande progresso este já hoje populoso núcleo, ascendendo a sua população a mais de 14.000 habitantes e tendo a sua sede mais de 2.500 almas;

Considerando que no seu constante evoluir é hoje Manacapurú um dos municipios mais adiantados do Estado, não somente pelo desenvolvimento de sua agricultura e industrias extrativas e fabril, senão também de sua pecuaria;

Considerando que a difusão do ensino primario vae realizando surtos apreciaveis e concretiza o anseio de sua população de colocar-se na vanguarda dos mais prosperos municipios do Amazonas;

Considerando que a sede da vila possui boa edificação, edificios publicos bem construidos, asseio e instituições que muito recomendam a capacidade de sua gente ordeira e operosa, e

Tendo em vista que, na data de hoje, a patria brasileira comemóra o sacrificio do grande herói Felipe dos Santos Freire, o verdadeiro predecessor da liberdade nas terras do Brasil,

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica elevada á categoria de cidade a actual vila de Manacapurú.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 16 de Julho de 1932.

WALDEMAR PEDROSA

Secretario Ceral do Estado, respondendo pela Interventoria Federal.

Raimundo Nicolau da Silva

Diretor da Secretaria, respondendo pela Secretaria Geral do Estado.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

